



O percurso da semiótica na USP

Uma homenagem a Beth Brait, José Luiz Fiorin, Diana Luz Pessoa de Barros, Luiz Tatit e Norma Discini

A INTELLECTUAL E A PROFESSORA BETH BRAIT, POR SHEILA VIEIRA DE CAMARGO GRILLO

Prestar uma homenagem é proferir, segundo a retórica aristotélica, um discurso do gênero epidítico, em que se exalta “a grandeza de uma virtude” (p. 128), entendida como “a faculdade de fazer o bem, de prestar muitos e relevantes serviços de toda a sorte e em todos os casos”(p. 125). Penso que o principal modo de mostrar o caráter virtuoso das ações de uma mestre, professora, intelectual, autora e ser humano é recorrer à narrativa de sua atuação no seu campo de saber. Para iniciar e orientar a narrativa da biografia da professora Beth Brait, recorro ainda ao historiador francês Jacques le Goff que, em seu libreto “Os intelectuais na Idade Média”, define os intelectuais como “aqueles que têm o ofício de pensar e ensinar o seu pensamento” ou como aquele que está persuadido de que a ciência não deve ser guardada, escondida, mas antes colocada em circulação. (p. 68)

Creio que esses dois traços do intelectual na Idade Média ainda são válidos para os nossos dias e sintetizam muito bem as virtudes da professora- pesquisadora Beth Brait que conheci no meu primeiro ano de graduação em Letras na Universidade de São Paulo, quando ela foi minha professora de “Introdução à Linguística I e II” e simultaneamente a autora do livro “A personagem”, reeditado recentemente, que li na disciplina “Introdução aos estudos literários”. Portanto, conheci Beth Brait ao mesmo tempo como professora e autora, como linguista e teórica da literatura, duas facetas que, a meu ver, estão presentes até os dias de hoje na sua atuação profissional e na produção bibliográfica.

A produção intelectual de Beth Brait é impressionantemente extensa, conforme se constata em seu Currículo Lattes: 311 artigos completos publicados em periódicos, 43 livros entre autorais, organizações e reedições e 91 capítulos de livro dão a dimensão do incansável trabalho de produção do conhecimento nas áreas de Semiótica, Análise do Discurso, Teoria Dialógica do Discurso e Teoria Literária. Diante da impossibilidade de comentar toda essa produção bibliográfica, selecionei alguns textos que marcaram minha formação sob a orientação da professora Beth Brait.

Começo pelos livros autorais. O título “Ironia em perspectiva polifônica”, resultado da tese de livre-docência defendida em 1994 e hoje na segunda edição, representa bem três facetas da produção intelectual de Beth Brait: primeiramente, a exploração bibliográfica extensa e rigorosa de um conceito da área do discurso, a ironia, para chegar à definição original de que a ironia é uma forma particular de interdiscurso “cuja forma de construção denuncia um ponto de vista, uma argumentação indireta, que conta com a perspicácia do destinatário para concretizar-se como significação.” (1996, p.16); em segundo lugar, a análise de enunciados verbo-visuais da imprensa brasileira por meio de suas primeiras páginas, nas quais a autora analisa a significação irônica na confluência entre elementos verbais e visuais (estes compostos sobretudo por fotografia e diagramação); a terceira faceta é a análise de uma obra literária em sua concretude verbal e visual. A formulação de uma abordagem discursiva para compreender, analisar e interpretar os sentidos produzidos por enunciados verbais e visuais da esfera literária e de esferas não-literárias parece-me ser o eixo principal da produção intelectual de Beth Brait.

O segundo destaque vai para a difusão da obra e dos conceitos desenvolvidos pelos integrantes do Círculo de Bakhtin por meio da organização de 4 volumes: dois sobre conceitos-chave, um deles já em sua 5ª edição, e dois de apresentação de textos do Círculo. Essas obras organizadas consolidaram a intelectual Beth Brait como uma das principais ou mesmo a principal conhecedora e difusora da teoria bakhtiniana no Brasil. Além da fundamental contribuição para um melhor conhecimento da teoria bakhtiniana, esses livros revelam a admirável habilidade de Beth Brait para articular estudiosos em torno de um projeto teórico comum e apontar caminhos de pesquisa inéditos.

O terceiro destaque vai para a obra “Literatura e outras linguagens” em que a tônica na relação entre língua e literatura, linguística e teoria literária permanece e se expande. Ouçamos a intelectual e professora Beth Brait:

Mesmo parecendo óbvio que línguas e literaturas formam uma parceria inquestionável, nata, atestada pela cumplicidade firmada entre criadores, criações e diferentes estudos da linguagem, muitas vezes opera-se uma dicotomia, por força de contingências institucionais, que dissimula a natureza dessa confluência incontornável. Há, entretanto, inúmeros trabalhos enunciados por gramáticos, linguistas, teóricos da linguagem literária ou cotidiana, poetas ficcionistas, em que se pode observar o quanto é artificial a dicotomia imputada aos pares língua-literatura, linguagem-vida, uso-criatividade, gramática- estilística. (BRAIT, 2010, p. 15)

A respeito da necessária e intrínseca articulação entre língua e literatura, Beth Brait alinha-se à tradição de teorias como o idealismo romântico alemão de Wilhelm Humboldt, o formalismo russo de Víktor Chklóvski e companheiros, a teoria do Círculo de Bakhtin, a Semiótica da Escola de Paris, a semiótica de Roland Barthes, entre outras, todas elas empenhadas em refletir, compreender, teorizar, de diferentes pontos de vista teórico-epistemológicos, sobre o papel da língua na literatura e da literatura na construção da língua. Além das formulações de Beth Brait, a riqueza da obra “Literatura e outras linguagens” está nos depoimentos de linguistas, teóricos da literatura, jornalistas e escritores que compõem um painel plural de suas visões sobre língua, literatura, cânone literário, discurso literário, prazer da leitura etc.

Termino este brevíssimo passeio por uma pequenina porção da vasta produção bibliográfica de Beth Brait por onde começou meu percurso pessoal de leitura da sua obra: o texto “A personagem” em sua 9ª edição que, citando a autora, “está fazendo

exatamente 32 anos (uma jovem senhora...) – sua primeira edição é de 1985.” (2017, p. 9). Duas alterações na nova edição merecem destaque da autora: a inclusão da teoria artístico-filosófica sobre autor/criador e personagem/herói de Mikhail Bakhtin e o acréscimo de mais 14 depoimentos de escritores que vêm se somar aos 12 da primeira edição, totalizando, portanto, 26 depoimentos. A releitura do capítulo de abertura surpreende pela perspicaz conjugação de narrativas literárias e registros fotográficos, a fim de refletir sobre como a conjugação entre reprodução e invenção, reflexo e construção de seres humanos está presente na vida e na literatura. A partir dessa aliança tensa entre vida e arte, Beth propõe que “o conceito de personagem, enquanto ente composto pelo poeta a partir de uma seleção diante da realidade, cuja natureza e unidade só podem ser conseguidas a partir dos recursos utilizados para a criação.” (2017, p. 40)

A outra face indissociável da autora e intelectual Beth Brait é a professora Beth Brait, que iniciou sua trajetória docente em 1970 como professora de literatura em curso preparatório para vestibular, quando ainda cursava a graduação em Letras na Universidade de São Paulo. De lá para cá, exerceu a docência de literatura e redação em colégio técnico, de literatura e língua portuguesa em universidades particulares, atuou longamente nesta casa como professora de linguística, ministrou palestras e participou de seminários na Université de Provence e atualmente é professora associada na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo tanto de linguística quanto de teoria literária. E qual é a posição da professora Beth Brait sobre o ensino de língua e literatura. Vamos ouvi-la:

A língua, a linguagem tem existência histórica, social, cultural, diretamente ligada a grupos, sociedades, indivíduos. Seu ensino e aprendizagem também. (...) na escola, somente por meio da leitura e da escrita, da efetiva interação entre alunos/textos/contextos, o conhecimento é construído e o indivíduo, com o tempo se desfaz das necessárias muletas (estratégias de ensino?) para tornar-se sujeito, cidadão. (2010, p. 100)

A experiente professora, ao refletir sobre o processo de ensino- aprendizagem de língua materna, apesar de rejeitar modismos teóricos tomados como “receitas infalíveis que durem para sempre e se adaptem a qualquer época, grupo, sociedade”(2010, p. 99), propõe, a meu ver, que o processo de produção e inserção de teorias da linguagem no

ensino de língua devem necessariamente ajustar-se a indivíduos, grupos sociais, culturas, momentos históricos num movimento dialético e dialógico constante.

Além da atividade em sala de aula, o ensino se fez presente na orientação de muitos estudantes de graduação e de pós-graduação. Orientou e levou à defesa 33 mestres, 37 doutores e supervisionou 11 pós-doutorados. Esses 81 professores-pesquisadores estão espalhados por todo o Brasil, atuando majoritariamente como docentes em universidades públicas e particulares, na graduação e na pós-graduação, na docência e na pesquisa. A orientadora Beth Brait faz parcerias com seus orientandos na publicação de obras, incentiva-nos a expandir nossos horizontes culturais, acadêmicos e pessoais por meio de estágios de pesquisa no exterior, cria, organiza e coordena grupos de pesquisa no CNPq e na ANPOLL nos quais temos a oportunidade de discutir nossas pesquisas e de interagir com pesquisadores do Brasil e do exterior. Aprendi e aprendo muito com ela nesses grupos: aprendo como é importante liderar com serenidade, como é preciso persistir nos momentos bons e nos difíceis, como é importante a crítica não condescendente, mas generosa. E tudo isso de modo bem humorado, risonho, tranquilo, fazendo-nos pensar que é até fácil. Um traço marcante é sua abertura para ouvir o outro e para nos ensinar a tirar o melhor das críticas, por meio das quais podemos corrigir, avançar ou mesmo reforçar nossos pontos de vista sobre a linguagem.

Um projeto importante para os estudos do discurso no Brasil e, no presente, uma paixão pessoal de Beth Brait é a “Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso”. Periódico que atingiu a excelência máxima na área de Letras e Linguísticas graças ao seu talento para congregar e motivar pessoas, à sua imensa capacidade de trabalho, ao seu rigor, ao seu conhecimento, experiência e atenção com as políticas acadêmicas no Brasil e no exterior.

Termino por aqui essa brevíssima síntese das virtudes da autora, intelectual, pesquisadora, professora, orientadora Beth Brait, a serviço da linguística, da teoria da literatura, da esfera acadêmico-científica da área de Letras e Linguística, ciente da limitação de minha empreitada diante da grandeza da sua obra por meio da qual, durante todo o caminho, ela procurou unir linguística e teoria literária, vida e arte, linguagem verbal e outras linguagens.



REFERÊNCIAS:

ARISTÓTELES. *Retórica*. Trad. Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Roberto e Abe. Do Nascimento Pena. 3. Ed. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2006.

BRAIT, B. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

_____. (Org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. (Org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. (Org.) *Bakhtin, dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. (Org.) *Bakhtin e o Círculo*. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. *Literatura e outras linguagens*. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. *A personagem*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

LE GOFF, J. *Les intellectuels au Moyen Âge*. Paris: Seuil, 1965.